



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
FACULDADE DE LETRAS

LÍVIA PIETRO DOS SANTOS DUARTE

AVALIAÇÃO DE FALANTES UNIVERSITÁRIOS CARIOCAS ACERCA DA
REALIZAÇÃO OU AUSÊNCIA DA CODA (R) EM FINAL DE VERBOS E
NÃO VERBOS

Rio de
Janeiro
2023

LÍVIA PIETRO DOS SANTOS DUARTE

AVALIAÇÃO DE FALANTES UNIVERSITÁRIOS CARIOCAS ACERCA DA
REALIZAÇÃO OU AUSÊNCIA DA CODA (R) EM FINAL DE VERBOS E
NÃO VERBOS

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade de Letras
da Universidade Federal do Rio de
Janeiro como parte dos requisitos
necessários à obtenção do grau de
bacharel em Letras-Espanhol.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Alexandre Lopes de Melo.

Rio de
Janeiro
2023

**FOLHA DE
APROVAÇÃO**

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Paulo André e Elizabeth Duarte, por estarem sempre do meu lado e por me darem todo o carinho, amor e apoio de que precisei. À minha irmã, Maria Eduarda, pelas explosões de vida e afeto, que me impulsionaram durante minha jornada. À minha família: minhas avós, Jane Godoy e Marlene Duarte, pelos abraços e almoços. Aos meus dindos, Rosa Isabel e Rogério Moraes, pelos sorrisos, passeios e música.

A todos os meus professores da Faculdade de Letras que passaram por minha vida e deixaram sua marca, e, especialmente, ao meu orientador Marcelo Melo, que sem ele, essa monografia jamais teria acontecido.

DUARTE, Livia. **Avaliação de falantes universitários cariocas acerca da realização ou ausência da coda (r) em final de verbos e não verbos**. Monografia (Graduação em Letras-Espanhol) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

Este trabalho apresenta os resultados de um estudo piloto sobre a avaliação social da realização ou ausência da coda final (r) em itens verbais e nominais – como em [avali'ah] ~ [avali'a] e [pla'kah] ~ [pla'ka] – de jovens universitários da cidade do Rio de Janeiro. O estudo busca verificar se a avaliação subjetiva dos ouvintes cariocas sobre a realização da coda final (r) corrobora com os resultados da literatura, que sugerem não haver estigma quanto à ausência da coda em verbos, mas que haveria algum estigma em relação à ausência do segmento em não verbos (BRANDAO, SILVA, 2012; CALLOU, SERRA, 2012) ou se o comportamento da comunidade de fala vai na contramão de tais análises. Partindo dos pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista, segundo o qual o sistema linguístico é dotado de heterogeneidade ordenada (Weinreich, Labov e Herzog, 2006, foi realizado um experimento com 57 estudantes do primeiro ano de graduação de cursos de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, utilizando a técnica *matched guise*, a fim de acessar os significados sociais das variantes observadas (LAMBERT *et al.*, 1960). A avaliação dos valores atribuídos às realizações se deu pela indicação de uma possibilidade entre três perfis profissionais modelares (faxineira, inspetora e diretora). A associação entre as sentenças e um dos perfis profissionais revelaria o valor atribuído às variantes: estigma, neutralidade ou prestígio. Após a aplicação do experimento, os resultados apontam na direção daquilo que se aponta na literatura: não há diferença de avaliação entre os itens verbais que são produzidos com ambas as variantes. Já para itens não verbais produzidos sem a coda, parece haver uma penalização bem mais acentuada, ao passo que, quando há a realização, os participantes não atribuíram valor de prestígio ou estigma aos estímulos. Apesar de se tratar de um estudo piloto, este experimento pode contribuir para estudos futuros, sobretudo no que diz respeito à metodologia empregada e aos estímulos utilizados.

Palavras-chave: variação linguística; avaliação sociolinguística; coda (r) final.

**LISTA DE
QUADROS**

Quadro 01 – Exemplo de teste por design <i>within e between subjects</i>	21
Quadro 02 - Lista de frases utilizadas no teste	23
Quadro 03 - Frases distratoras utilizadas no experimento.	24

**LISTA DE
GRÁFICOS**

Gráfico 01: Resultados do experimento: frequência de coda (r) final em verbos 31

**LISTA DE
TABELAS**

Tabela 01 - Resultados do experimento: coda (r) final em verbos	26
Tabela 02 - Resultados do experimento: coda (r) final em nome	27

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	12
2.1 Sociolinguística Variacionista	12
3.2 Avaliação sociolinguística	15
3 VARIAÇÃO DA CODA (R)	19
4 METODOLOGIA	23
4.1 Participantes	23
4.2 Configuração do experimento	23
5 RESULTADOS	28
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
7 REFERÊNCIAS	33

1. INTRODUÇÃO

Weinreich, Labov e Herzog (1968) ensinam que as línguas estão em constante processo de mudança e que “a mudança linguística é um processo contínuo e o subproduto inevitável da interação linguística” (p. 87). Assim, é possível assumir também que a avaliação dos falantes acerca de algumas variantes de diferentes variáveis da língua também vai se modificando, influenciando o próprio processo de mudança da língua. Os mesmos autores argumentam que

o estudo do problema da *avaliação* na mudança linguística é um aspecto essencial da pesquisa que conduz a uma explicação da mudança. Não é difícil ver como traços de personalidade inconscientemente atribuídos a falantes de um dado subsistema determinariam a significação social da alternância para esse subsistema e assim seu desenvolvimento ou obsolescência como um todo. Mas o efeito dos valores sociais sobre o desenvolvimento interno de um sistema linguístico é uma questão mais difícil (...) (WLH, 1968, p. 103).

Em relação à realização da coda (r) em final de vocábulo no português brasileiro (doravante PB), o cenário não é diferente. A realização desse segmento, tanto em verbos quanto nomes, é um fenômeno que já vem sendo amplamente estudado em diferentes variedades do PB. Apesar de haver uma grande diversidade na realização da coda (r) final em diferentes variedades do PB - [ɹ], [r], [x/ʁ], [ɣ/ʁ], [h/ɦ] (CALLOU, DINAH, LEITE, 2005; CRISTÓFARO, 2010)-, múltiplos estudos apontam para um processo de mudança no PB, segundo o qual a ausência deste segmento é observada em percentuais bem superiores ao de qualquer outra variante, sobretudo no que se refere a verbos no infinitivo e, particularmente, em algumas variedades, tal qual a carioca. Isso também mostra que a classe morfológica é um condicionador linguístico importante para esse processo de mudança (CALLOU, SERRA, em avaliação, p. 16).

Segundo Callou e Serra (2012, p. 42), no início desse processo de mudança, a ausência da coda era considerada um marcador social, tendo em vista que, por exemplo, em peças de teatro do século XVI, as falas de escravizados eram reproduzidas sem a coda. No entanto, ainda de acordo com as autoras, “o fenômeno se espalhou progressivamente por todas as classes sociais e por todos os níveis educacionais, não sendo mais estigmatizado”, com exceção de não-verbos monossílabos por falantes mais escolarizados. Em outras palavras, tendo em vista os elevados percentuais de ausência da coda (r) final em verbos, alguns estudos de produção apontam para o fato de esta variante não ser mais estigmatizada atualmente (CALLOU, MORAES, LEITE, 1998; MENEZES, 2012). Por outro lado, como percentuais maiores de realização da coda (r) final podem ser observados em não-verbos, é possível inferir que, em algum nível, sua ausência ainda carrega algum traço de estigma (MENEZES, 2012; CALLOU, SERRA, 2012).

Desta forma, o presente trabalho buscou observar como falantes universitários cariocas avaliam tanto a ausência quanto a realização da coda (r) em final de palavra. Assim, por meio de um experimento de avaliação sociolinguística, partiu-se da hipótese segundo a qual as avaliações dos participantes observadas no experimento apontariam para as seguintes direções: para os verbos, não há estigma para a ausência do segmento, nem prestígio para sua realização; para os nomes, poderia haver algum grau de estigma para a ausência do segmento e prestígio para sua realização.

Para além desta introdução, esta monografia será apresentada da seguinte forma: no segundo capítulo, serão apresentados os pressupostos teóricos, que fundamentam a pesquisa. No terceiro capítulo, será indicada a revisão bibliográfica, que são os estudos anteriores relacionados ao tema da coda (r) final, tanto em verbos quanto em nomes. No quarto capítulo, será apontada a metodologia para elaboração do experimento, coleta e análise de dados. No quinto capítulo, serão apresentados os resultados do experimento e suas análises. No sexto capítulo, encontram-se as considerações finais.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Neste capítulo, serão abordados os pressupostos teóricos que servem de base para o presente estudo. Nesse sentido, será apresentado um breve panorama dos estudos linguísticos que se desenvolveram ao longo do século XX, desde o Estruturalismo ao Gerativismo, chegando à corrente teórica que será utilizada para este trabalho: a Sociolinguística Variacionista. Como é interesse deste trabalho observar as avaliações que os falantes da comunidade de fala fazem acerca de uma variável sociolinguística, esse capítulo está dividido em duas seções: uma em que serão apresentados os princípios da Teoria da Variação e Mudança e outra em que serão apresentados alguns estudos sobre a avaliação sociolinguística.

2.1 Sociolinguística Variacionista

Na primeira metade do século XX, duas teorias consolidam uma tradição nos estudos linguísticos, segundo a qual a língua é considerada uma estrutura homogênea e abstrata, apartada de seus usos: o Estruturalismo e o Gerativismo. O primeiro foi fundado no início do século XX e tem como expoente o linguista suíço Ferdinand Saussure, que desenvolveu uma teoria para os estudos linguísticos baseada em dicotomias, tais como a *langue* x *parole* e a diacronia x sincronia. A *langue* seria o objeto de estudo da linguística, uma vez que representa o sistema de signos que se relacionam, desvinculados de fatores externos sócio-históricos. Já a *parole* representaria o próprio desempenho do falante, não servindo como fonte de pesquisa por causa de seu caráter individual e assistemático. Além disso, para o estudo da língua, importam apenas as relações internas estabelecidas sincronicamente entre os elementos do sistema linguístico, excluindo-se, portanto, observações diacrônicas.

De mesmo modo, para o Gerativismo, fundado nos anos 1950 nos Estados Unidos por Noam Chomsky, a língua é um sistema abstrato de regras, que decorre da faculdade da linguagem e tem a finalidade de formar sentenças. A teoria considera a língua, em certa medida, da mesma forma que o Estruturalismo: como um sistema homogêneo desvinculado de fatores sócio-históricos. Além disso, a cisão entre língua (estrutura abstrata) e fala (uso) se mantém, tendo em vista que se diferenciam a competência do falante - o conhecimento que o falante tem acerca da sua própria língua - e o desempenho, o uso concreto deste conhecimento e habilidade. Tal como no Estruturalismo, para o Gerativismo, o foco dos estudos linguísticos deveria recair somente sob a competência.

Em oposição à tradição de se considerar a língua como uma estrutura abstrata, homogênea e apartada de seus usos, surge a Sociolinguística Variacionista no final da década de 1960, fundada por Uriel Weinreich, William Labov e Marvin Herzog, nos Estados Unidos. A necessidade de se estabelecer uma nova teoria para explicar a variação e mudança foi o motor para que os autores desenvolvessem um conjunto de fundamentos diferente do que havia se consolidado anteriormente. Isto porque uma teoria que conceba a língua como uma estrutura homogênea e abstrata não seria capaz de explicar a mudança linguística ou, pelo menos, de capturar a mudança em curso. Além de mudar a perspectiva em relação à concepção de língua, os sociolinguistas criticam a tradição anteriormente firmada e que se baseava em dicotomias que separavam a língua de seus usos e consideram apenas seu aspecto abstrato ou mental. Também desaprovam a ideia de uma comunidade de fala abstrata e ideal e defendem o uso de dados empíricos e não apenas o uso de dados que corroboram a visão do pesquisador.

A Sociolinguística busca entender a relação entre uma língua específica e a sociedade em que ela se encontra. Mesmo com toda a variabilidade existente na língua, a teoria tenta explicitar a sistematicidade no uso da língua e que revela, por sua vez, a própria variabilidade do sistema. Esta corrente linguística objetiva entender as diferenças existentes na língua, suas estruturas variáveis e, assim, explicar a mudança linguística. Assim, a proposta da Sociolinguística é levar em conta, além de fatores inerentes à própria estrutura da língua, o componente social na análise das línguas e entendê-las como um sistema heterogêneo e estruturado, passando a ter como objeto de análise a língua de uma comunidade de fala específica.

A variação - o objeto de estudo da Sociolinguística - é condicionada por fatores linguísticos, sociais e cognitivos (LABOV, 1994, 2001, 2010). Esses condicionamentos garantem a sistematicidade da variação e, conseqüentemente, o ordenamento do sistema, permitindo que os falantes de uma língua se entendam apesar de toda variabilidade observada na fala. Sendo a variação inerente ao sistema linguístico, vemos que não é qualquer forma linguística que pode apresentar variação, porque a variação está restrita às próprias possibilidades do sistema linguístico. Assim, concluímos que a variação é sistematicamente ordenada.

A Sociolinguística Variacionista rompe com a dicotomia saussureana da diacronia x sincronia, por entender que, em uma sincronia, diferentes estágios da língua podem ser observados, dessa forma, a língua em sincronia é composta por diversas diacronias. Sendo assim, a teoria entende que os usos que os falantes fazem da língua refletem a própria organização do sistema abstrato.

WLH propõem uma metodologia própria para guiar a pesquisa empírica, a qual faz a ligação entre a teoria e os dados encontrados. Essa metodologia está relacionada ao conjunto de problemas empíricos que devem orientar os estudos do pesquisador. Esses problemas são questões gerais que o pesquisador deve responder em uma pesquisa de cunho sociolinguístico. Os problemas são:

1) O problema da **restrição**: Qual é o conjunto de mudanças possíveis e de condições para mudanças que podem ocorrer em determinada estrutura? - o objetivo é buscar generalizações e os princípios que governam a estrutura do sistema linguístico e, conseqüentemente, a mudança linguística, sendo possível até antever direções de uma mudança. Esses princípios não são absolutos, aplicados categoricamente, mas indicam regularidades ou tendências gerais. Para responder à pergunta disparadora, devemos ter o controle de grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos e aplicá-los a múltiplos fenômenos variáveis.

2) O problema do **encaixamento**: Como as mudanças estão encaixadas na estrutura linguística e social? - dentro da questão do encaixamento, está a noção de que as mudanças obedecem a princípios do sistema linguístico. Outra ideia é a da covariação, que é a relação entre o fenômeno variável e os condicionadores linguísticos e extralinguísticos, os quais restringem certa variável em alguns contextos. Essas restrições se dão em qualquer nível da língua (fonológico, morfológico etc.) e operam ao mesmo tempo. O aumento ou diminuição de atuação de restrições sobre um fenômeno variável aponta uma possível mudança em progresso. Para responder à pergunta disparadora, devemos relacionar os diferentes fenômenos em variação e também relacioná-los aos seus fatores condicionantes internos e externos, uma vez que se entende que a mudança esteja encaixada na matriz linguística e social.

3) O problema da **transição**: Como as mudanças passam de um estágio a outro? - esse problema procura entender a transmissão e a incrementação de uma forma nova. A transição se refere à progressão de uma mudança ao longo das gerações; já a incrementação é o mecanismo pelo qual avança a mudança. Assim, pretende-se entender como as formas variáveis se propagam, passando de um estágio a outro: pela expansão de uso em contextos distintos e sua transmissão entre gerações e grupos sociais. A troca de uma forma linguística a outra depende do

prestígio de certa forma, imposição estrutural ou funcionalidade linguística. Essas mudanças se dão ao longo do tempo e variáveis podem vir a coexistir, até que uma delas seja a única usada, ou as duas podem continuar sendo usadas da mesma forma. Para responder à questão disparadora, o linguista deve atentar-se aos diferentes estágios da mudança.

4) O problema da **avaliação**: Como as mudanças podem ser avaliadas em termos de seus efeitos sobre a estrutura linguística, sobre a eficiência comunicativa e sobre o amplo espectro de fatores não representacionais envolvidos no falar? - o problema da avaliação se refere à atitude subjetiva e consciente do falante em relação às formas linguísticas em variação. A atitude do falante se manifesta em dois níveis: um envolvido com a avaliação linguística - associada à eficiência comunicativa na interação entre os falantes - e outra social - associada à atribuição de valor/significado social às formas linguísticas pelos falantes. Para responder à questão disparadora, o pesquisador deve levar em consideração que a atitude do falante em relação a certa variante tem um aspecto tanto individual - em relação ao seu uso eficaz - quanto social - julgamento de valor atrelado.

5) O problema da **implementação**: A que fatores se pode atribuir a implementação das mudanças? Por que uma mudança ocorre em uma língua numa época e não em outra língua e em outra época? - esse problema tenta responder como uma estrutura linguística de uma comunidade de fala se transforma ao passar do tempo. A implementação pode ser explicada através dos condicionadores sociais e linguísticos, relacionando-os com a questão do encaixamento. Para responder a esta questão, o pesquisador precisa atentar-se à necessidade de apontar as condições possíveis para a mudança (problema da restrição), os fatores condicionantes linguísticos e sociais (problema do encaixamento) e os estágios de transição e incrementação (problema da transição) atrelados pelas atitudes subjetivas dos falantes (problema da avaliação).

3.2 Avaliação sociolinguística

Segundo Labov (2006), variantes linguísticas utilizadas pelas classes sociais mais altas têm maior prestígio pelos falantes da língua. O autor também aponta que os falantes

não têm consciência sobre a utilização de variáveis fonológicas, e, por isso, para que possamos saber como os falantes avaliam tais processos, múltiplos testes devem ser desenvolvidos. A fim de que a questão sobre essa avaliação possa ser respondida, Labov elabora três ações a serem feitas (p. 266):

- 1) Isolar as reações subjetivas de valores particulares de uma única variável;
- 2) Reduzir essas reações a uma medida que possa ser quantificada;
- 3) Descobrir a estrutura global que se reflete no padrão das medidas encontradas.

Para os estudos de percepção da fala, Lambert et al. (1960) desenvolveram a técnica de estímulos pareados - *matched guise* - como método para investigar atitudes subjetivas dos falantes, que não são facilmente percebidas, já que suas reações podem não refletir diretamente as opiniões pessoais dos falantes. Para Labov (2008, p. 356), essas atitudes emergem de forma sistemática apenas se a pessoa julgar dois conjuntos de possibilidades emitidas por um mesmo falante usando duas formas distintas, ao mesmo tempo em que o avaliador não pode saber que o enunciador é o mesmo indivíduo. Além disso, sobre as avaliações dos falantes em uma mesma comunidade, Labov afirma que os falantes de uma mesma comunidade de fala tendem a demonstrar atitudes similares frente às mesmas variantes, sejam de prestígio ou estigma. Outros autores problematizam essa questão (SANTA ANA, PARODI, 1998; MELO, 2017) e afirmam que pode haver diferentes avaliações dentro de uma mesma comunidade de fala.

Ainda em relação à técnica *matched guise*, de acordo com Oushiro (2014), essa técnica possibilitou demonstrar que a avaliação de falantes ao uso de certas variantes linguísticas pode influenciar a forma com que os sujeitos que as pronunciam são julgados em sociedade, fazendo com que, muitas vezes, os usuários de variantes não padrão tenham que modificar sua forma de falar para que não sejam vítimas de preconceito linguístico, ou que, por exemplo, sejam excluídos do mercado de trabalho formal, ou não consigam alugar uma casa.

Labov et al. (2011), utilizando a técnica *matched guise*, realizaram um experimento em que os participantes deveriam julgar o grau de aceitabilidade de uma candidata a uma vaga como âncora de um telejornal. A variável em análise nesse estudo era a realização da nasal em coda no inglês, que pode ser realizada como alveolar ou velar. Esta é compreendida como a variante de prestígio e, portanto, sendo preferida em

contextos de maior monitoramento. Estava também em análise se o aumento de frequência da variante estigmatizada (alveolar) afetaria o julgamento dos participantes. Os autores constatam que, quanto maior a realização da variante estigmatizada, maior a penalização da candidata. Além disso, também verificam que as mulheres faziam maior julgamento, assim como os adultos percebiam mais a variante do que os adolescentes.

No âmbito do português brasileiro (PB), temos o estudo de Bortoni, Gomes e Malvar (2002), que procurou identificar, por meio de testes de estímulos pareados e de percepção direta, em relação a três variáveis do PB (apagamento do (r) em coda final de verbos e não-verbos, neutralização de pronome oblíquo anafórico de 3ª pessoa e a concordância em sintagma nominal) a sensibilidade dos falantes à escala de saliência. Essa escala é entendida como um fenômeno da percepção e, por isso, é condicionada à exposição dos falantes às formas de prestígio. Quanto maior sua exposição, mais sensível estará à escala. Como conclusão, as autoras apuraram que, quanto mais escolarizado é o falante, mais sensível ele será em relação aos condicionamentos internos que causam a variação.

Analisando esses estudos, podemos afirmar que as variantes possuem prestígio ou estigma de acordo com questões e conformações sociais. Assim, pode-se apontar que variantes de menor prestígio são relacionadas a grupos de falantes de comunidades estereotipadas ou de menor escolarização.

Por meio da aplicação de experimentos que utilizam a metodologia *matched guise*, Melo (2017; 2022) e Melo *et al* (2019; 2022; no prelo) analisaram diferentes variáveis do PB na comunidade de fala do Rio de Janeiro. Tomados em conjunto, os resultados desses experimentos revelam a complexidade da avaliação sociolinguística em uma comunidade de fala: (a) variantes de uma mesma variável podem ser avaliadas de formas diferentes por diferentes grupos da mesma comunidade; (b) o fato de haver uma variante estigmatizada de uma variável não implica que haja uma variante de prestígio e vice-versa; (c) é preciso observar condicionamentos linguísticos reportados em estudos de produção sobre as variáveis analisadas, pois tais condicionamento podem influenciar a avaliação dos falantes.

Por fim, é importante ressaltar que, em razão de haver mais estudos de produção do que percepção/avaliação, muitas conclusões de trabalhos anteriores sobre a avaliação sociolinguística se basearam nos resultados de dados de produção. Assim, muitas dessas conclusões consistem em inferências a partir de dados de produção e, conseqüentemente, precisam ser estudadas sob o ponto de vista da percepção/avaliação, a fim de comprovar ou refutar tais inferências. Este é o caso da coda (r) final, quer seja em verbos, quer seja



em não-verbos, e isto é o que se propõe o presente estudo: observar a avaliação que falantes universitários cariocas fazem desta variável em questão. Dessa forma, é mais um trabalho que compõe o grupo de estudos que, a partir dos resultados obtidos pela técnica *matched guise*, vai ajudar a atualizar o panorama da avaliação de fenômenos em variação no PB.

3 VARIAÇÃO DA CODA (R)

Neste capítulo, serão apresentados alguns dos inúmeros estudos de produção já realizados sobre a variação da coda (r) final no português brasileiro (doravante PB), a fim de se tenha um panorama sobre a variável em análise. Pretende-se oferecer um panorama sobre os estudos já realizados, buscando sistematizar os resultados e condicionamentos para realização da variável, a fim de contribuir para o entendimento das hipóteses levantadas, metodologia empregada e análise dos resultados obtidos.

Oliveira (1983) observou que, na variedade de Belo Horizonte, é quase categórica a não-realização da coda (r) final em verbos; já em não-verbos, a ausência é favorecida quando o contexto seguinte é uma obstruinte sonora, uma lateral ou uma vogal e desfavorecida quando seguido de nasal, obstruinte surda e pausa. Oliveira (op. cit.) argumenta ainda que, por obedecerem praticamente aos mesmos condicionamentos estruturais, a ausência de codas finais em não-verbos e codas internas seriam “duas facetas de um mesmo processo fonológico”, o que leva o autor a formular uma regra para o cancelamento nesses casos – diante de consoante [+sonora] e [-nasal], o (r) tende a ser cancelado – e uma regra de inserção no caso da coda (r) final em verbos.

Um estudo de Callou, Moraes e Leite (1998), baseado na comunidade do Rio de Janeiro, constatou que a não realização da coda (r) é um fenômeno antigo do português brasileiro e que, em seu início, foi considerado uma característica dos falares considerados incultos, tendo sido, inclusive, utilizado em peças do século XVI para indicar a fala de personagens escravizados. Ainda assim, o que os autores apuraram foi uma grande expansão do fenômeno ao longo dos séculos por todas as camadas sociais, já estando bem estabelecido e constituindo um processo de variação estável e sem estigma social. Para os autores, este processo de mudança já chegou ao seu limite.

Benayon e Gomes (2009), ao estudarem sobre a aquisição da fricativa em coda no dialeto carioca, guiam sua pesquisa à luz da teoria dos Modelos Multirrepresentacionais, que consideram que a aquisição dos segmentos se dá a partir de uma forma fonética da palavra armazenada no léxico, que se vincula a uma “nuvem de ocorrências das categorias” (p. 1). A partir deste modelo teórico, as autoras defendem que as informações das formas lexicais armazenadas pela criança em estágio de aquisição da linguagem, em relação ao segmento (r) em coda final para verbos, já incorporam a realização do segmento, uma vez que esta é a variante amplamente percebida e produzida.

Menezes (2012) estuda as ocorrências da coda (r) final e interna de verbos no período aquisitivo, ou seja, seu foco são crianças, de dois a cinco anos, da variedade da

comunidade de fala do Rio de Janeiro. A autora explica que as crianças tendem a reproduzir a variabilidade observada em adultos de sua comunidade de fala. Dessa forma, o que as crianças produzem aproxima-se, a princípio, de uma replicação do que os indivíduos mais velhos falam. Segundo a pesquisadora, o período de aquisição da língua decorre, primeiramente, pela variedade utilizada pelo núcleo familiar mais próximo (pai, mãe ou figuras equivalentes); em seguida, no processo de alfabetização e na rotina da escola, passa pela interação entre os pequenos, fazendo com que seu repertório sociolinguístico se transforme novamente, adicionando-se ao input anterior; por fim, na fase adolescente, que é a que a identificação com o outro se dá de forma maior, a aquisição do repertório linguístico perpassa a afirmação de uma identidade específica (Menezes, 2012, p.16).

Pelo fato de o primeiro contato das crianças pequenas com a língua ser por meio da variedade utilizada por seu núcleo familiar, junto à característica de que a não realização do segmento (r) em final de verbos já é categórica para os falantes adultos, não é surpresa o resultado de sua pesquisa: crianças pequenas, de fato, já não realizam este segmento em coda final de verbos. Já em não-verbos, ainda podemos encontrar realizações, especialmente quando o contexto seguinte começa por vogal ou consoante e quando a criança é mais velha, mas a ausência é bem relatada, especialmente quando seguida de uma pausa. Em conclusão, os resultados da pesquisa de Menezes (2012) apontam que, para a coda interna, se realiza o padrão CV(r) como representação mental central; já para a coda final em verbos, se opera o padrão CV, sendo a ausência categórica. Para os nomes, as ocorrências não foram tão expressivas a ponto de se definir a representação.

A pesquisa de Brandão e Silva (2012), que teve por objetivo estudar os róticos em coda silábica na região de Nova Iguaçu, município da região metropolitana do Rio de Janeiro também nos evidencia mais uma vez tal realidade: na coda final em verbos, o cancelamento do rótico é a norma. Em relação aos nomes, apesar da pouca ocorrência (26,2%), é o que mais conserva o segmento, sendo a categoria classe de palavra uma distinção importante feita pelos falantes. Além disso, as autoras apontam que, entre os falantes cultos e não cultos, a taxa de cancelamento do (r) final é de 92%. Ou seja, tal fenômeno provavelmente não é visto com estigma.

Em Callou e Serra (2012), tendo como objeto de estudo entrevistas informais com falantes cultos de Salvador e Rio de Janeiro em dois períodos distintos (1970 e 1990), as autoras também mencionam a questão da expansão total do fenômeno do apagamento do (r) em coda, sendo um movimento que ocorreu de baixo para cima, aparentando não ser

mais estigmatizado, exceto nos contextos de fala culta, de não verbos monossilábicos (mar e bar) e em final de enunciado - em fronteira de sintagma entonacional (IP). Para as autoras, o último se mostra uma característica importante que freia a não realização do fonema. Apesar disso, as autoras apontam que, mesmo que essa fronteira (IP) tenha grande força e que, em teoria, favoreça a realização da coda, constatou-se que, na passagem das décadas, essa característica da IP vai perdendo a força, já não sendo mais capaz de impedir que os falantes não realizem o segmento.

De mesmo modo, uma outra questão apontada pelas autoras é a oposição de verbos e não-verbos, que ainda faz com que os falantes apaguem mais a coda (r) em verbos que nos não verbos, já que o -r carrega, nesses últimos, informação morfológica. Tal diferenciação de classes de palavras foi muito bem marcada nas amostras das entrevistas feitas no Rio de Janeiro da década de 70, quando se fazia uma distinção maior ainda entre os vocábulos. Enquanto 81% dos verbos apresentavam apagamento do segmento, isso ocorreu em apenas 3% dos não verbos. Analisando os dados mais recentes, já da década de 90, constatou-se que tal separação não fazia mais tanta diferença, já que a não realização do fonema em não verbos aumentou para 66%.

Um estudo de Melo (2017), que corrobora os dados que já temos sobre o fenômeno em questão em relação aos verbos, aponta que a não realização da coda (r) final nessa classe de palavras já configura um processo de mudança em estágio final nas diversas realizações do PB. Callou e Serra (em avaliação) sustentam, a partir de dados do Atlas Linguístico do Brasil (ALib), que os percentuais de ausência da coda (r) final em verbos são sempre mais elevados do que a realização do segmento, sendo, portanto, a classe morfológica um fator importante para a implementação do processo de mudança.

Já em um outro estudo, Melo e Gomes (2018) pesquisam acerca do tema da variação, mudança e representação da coda (r) medial e final de não-verbos por meio dos hábitos de falares de dois grupos sociais distintos da cidade do Rio de Janeiro: adolescentes que moram em favelas e com níveis diferentes de inserção social (amostras EJLA e Fiocruz) e falantes pertencentes às classes média-média e média-baixa (subgrupo da Amostra Censo 2000). Assim, pretendeu-se entender os condicionamentos estruturais e sociais que favorecem a realização e a não-realização da coda nesse cenário.

Os resultados mostraram que, em relação à coda medial, a realização é praticamente categórica para os falantes a Amostra Censo 200, sendo possível observar índices mais elevados de não-realização da coda nos dois grupos de falantes moradores de favelas, o que permitiu verificar condicionamentos estruturais para a ausência da coda nesses dois grupos: contexto seguinte constituído por consoante fricativa favorece



fortemente a ausência da coda (r) interna. Já no tocante à coda final em não-verbos, observaram-se altos índices de não-realização em todos os grupos observados, embora menores do que os observados para a coda final em verbos (54,5 % para o subgrupo da Amostra Censo 2000; 70,8% para a Amostra Fiocruz; e 83,0% para a Amostra EJLA), apontando para um possível processo de mudança mais avançado em itens mais frequentes e com contexto fonético favorável.

4 METODOLOGIA

Este capítulo trata da metodologia de coleta e análise dos dados obtidos para a presente pesquisa, que tem o objetivo de investigar a avaliação dos falantes cariocas universitários sobre a realização ou ausência da coda (r) final de verbos e nomes.

4.1 Participantes

Os participantes dos experimentos eram universitários jovens cariocas, estudantes da Universidade Federal do Rio de Janeiro e cursavam, no momento da realização dos experimentos, o primeiro ou o segundo períodos de cursos da Faculdade de Letras. No total, 57 indivíduos fizeram parte do experimento, sendo 42 mulheres e 15 homens.

Esses discentes colaboraram com a pesquisa como ouvintes e forneceram sua avaliação acerca da realização ou não da coda (r) final de verbos e nomes. A escolha por estudantes dos primeiros anos da graduação de Letras se deu porque os iniciantes no curso, geralmente, respondem a estímulos linguísticos de forma mais inconsciente, isto é, com menor influência de questões tratadas no decorrer do curso. Em outras palavras, os estudantes com mais tempo de curso tendem a dar respostas enviesadas em relação à avaliação de fenômenos linguísticos, como a realização ou não do segmento em questão. Além disso, decidiu-se por observar esses falantes não só em razão da maior facilidade para aplicação do experimento, mas também porque esses falantes podem refletir a avaliação de grupos sociais da comunidade de fala do Rio de Janeiro com maior escolaridade.

4.2 Configuração do experimento

Para acessar a avaliação/percepção dos falantes quanto à realização ou não da coda (r) final de verbos e nomes, foi realizado um experimento na Universidade Federal do Rio de Janeiro, no prédio de Letras, com participantes cariocas universitários de primeiro e segundo períodos.

Para a realização do experimento, todos os indivíduos estavam em uma sala isolada, estando presentes apenas a autora do estudo e o(a) participante. Além disso, os estímulos do experimento foram apresentados aos participantes por meio de um computador individual e fones de ouvido. As frases com as variantes foram apresentadas de forma aleatória no programa *Psycopy*. Este programa é um pacote de software de

código aberto constituído na linguagem de programação *Python* e, geralmente, é usado em pesquisas em neurociência e psicologia experimental (PEIRCE *et al.*, 2019).

As respostas dos participantes aos estímulos do experimento foram organizadas por meio da plataforma *Jamovi* (Sahin; Aybek, 2019), sendo possível, assim, examinar a relação entre as respostas e as variáveis independentes.

Os falantes foram separados em dois grupos: um grupo ouviu metade das sentenças com itens em que a coda era realizada e outra metade com itens sem a realização da coda; o segundo grupo ouviu as mesmas sentenças, mas com as variantes trocadas. Desta forma, foram utilizados os design *within e between subjects* (intra e entre-sujeitos). O primeiro refere-se ao fato de que todos os ouvintes foram expostos aos mesmos tipos de estímulos. O segundo consiste no fato de que um certo tipo de estímulo foi exposto a um grupo de participantes e não a outro, e vice-versa (Drager, 2013, p. 64). Ou seja, ambos os conjuntos ouviram as duas variantes (ausência e realização) de cada variável (realização do (r) em coda), mas foram apresentados a frases diferentes. Exemplo:

Quadro 01 - Exemplo de teste por design *within e between subjects*.

	GRUPO 01	GRUPO 02
andar	-r	Ø
lograr	-r	Ø
comer	-r	Ø
viger	Ø	-r
sair	Ø	-r
polir	Ø	-r

Para a realização do experimento, o método *matched guise* foi utilizado. Esse método consiste em expor os participantes a frases que apresentam diferentes variáveis - nesse caso, a realização e a ausência da coda (r) final - e pedir para que relacionem os estímulos a um possível locutor - no caso do presente experimento, a diferentes perfis profissionais: faxineira, inspetora ou diretora de uma escola. A associação das variantes a essas profissões destacadas indica expectativas sociais bem definidas, visto que o valor social das ocupações também reflete a perspectiva de formações sociais diferentes (Melo, 2017, p. 114).

Assim, em relação à profissão de diretora da escola, para além da exigência de conclusão de um curso superior, atrela-se um prestígio social mais elevado. Já para o ofício da faxineira, não há a obrigação de uma formação específica nem de escolaridade, ao mesmo tempo em que, geralmente, é ocupado por indivíduos de classes sociais mais baixas, com pouco acesso à escola. No tocante à inspetora, ela representa uma ocupação composta por pessoas que, comumente, são de classes mais populares e que conseguiram ter acesso, em alguma medida, a bens sociais, como à educação, ainda que não necessariamente ao ensino superior.

Dessa forma, ao vincular uma certa variante a alguma das profissões apontadas, sendo cada uma delas representantes de um perfil social bem definido, assinala-se: uma avaliação negativa da variante relacionada à faxineira (estigma); e uma avaliação positiva relativa à diretora (prestígio). Já o perfil da inspetora situa-se no meio dessas outras duas, assumindo um papel de neutralidade (MELO, 2017, p. 115).

Desse modo, ao final da aplicação dos experimentos por meio do método *matched guise*, pode-se inferir qual o valor que os falantes estão atribuindo às variáveis em questão: estigma, neutralidade ou prestígio. Os participantes não sabiam qual variável estavam avaliando, o que nos permitiu captar suas inferências mais inconscientes. Os indivíduos foram expostos a frases divididas em quatro tipos:

- Verbo no infinitivo seguido de vogal;
- Verbo no infinitivo seguido de consoante;
- Nome terminado em (r) seguido de vogal;
- Nome terminado em (r) seguido de consoante.

As 24 frases apresentadas aos ouvintes são as seguintes:

Quadro 02 - Lista de frases utilizadas no experimento.

Verbos seguidos de consoante:	Não verbos seguidos de consoante:
<ol style="list-style-type: none"> 1. Ela precisava falar com alguém; 2. Todo artista deseja lograr sucesso; 3. O palhaço não queria fazer mágica; 4. Nosso Deus vai prover muitas bênçãos; 5. Os cadernos não podem cair no chão; 6. A empresa vai falir no mês que vem; 	<ol style="list-style-type: none"> 1. O sabor dessa comida é diferente; 2. Ela tem pavor de animais peçonhentos; 3. A mulher fazia vários tipos de bolo; 4. O talher ficou sujo junto com o prato; 5. Azar no jogo significa sorte no amor; 6. O placar do jogo caiu na arquibancada;
Verbos seguidos de vogal:	Não verbos seguidos de vogal:
<ol style="list-style-type: none"> 1. Os alunos queriam matar aula; 2. O pedreiro deve orçar uma obra; 3. Todo mundo precisa beber água; 4. A lei vai vigor até o ano que vem; 5. João e Maria não podiam sair à tarde; 6. Ninguém pretendia polir a louça; 	<ol style="list-style-type: none"> 1. O amor entre irmãos é muito forte; 2. O Senhor é meu pastor e nada me faltará; 3. Eles fazem qualquer exercício físico; 4. Essa colher amarela é de plástico; 5. Este lugar é lindo para um casamento; 6. A luz do luar está amarela hoje.

Na lista, há verbos das três conjugações (-ar, -er, -ir), assim como verbos mais ou menos frequentes, como *matar* e *vigor*, respectivamente. Isso serviu para identificar se o uso de um verbo mais ou menos frequente apontaria para algum perfil social específico. De mesmo modo, os não-verbos escolhidos são terminados em -ar, -er e -or.

A divisão entre verbos e não verbos teve a finalidade de saber se o contexto seguinte da coda (r) afetaria a avaliação dos falantes, visto que, quando a próxima palavra começa por vogal, há um favorecimento para que ocorra a ressilabificação do vocábulo (Callou e Serra, 2012). Além dessas frases, foram acrescentadas outras 6 distratoras, que servem para que o participante não fique procurando por padrões entre as sentenças e o resultado do experimento não seja afetado por um julgamento consciente: se o falante sabe o que está julgando, talvez sua resposta fique enviesada. As frases distratoras são as seguintes:

Quadro 03 - Frases distratoras utilizadas no experimento.

1. As filmagens do filme continuaram no feriado.
2. Não houve vítimas no deslizamento de terra.
3. O restaurante foi inaugurado no último sábado.
4. As temperaturas chegaram aos 40 graus no Rio.
5. Os moradores reclamam da constante falta d'água.
6. O concurso público foi adiado indefinidamente.

As frases foram divididas entre verbos e não-verbos, pois, segundo estudos sobre a variável (Brandão, Silva, 2012; Callou, Serra, 2012; Melo, 2017), os falantes, estatisticamente, tendem a realizar mais a coda (r) em não-verbos, sendo sua ausência praticamente categórica em verbos. Sendo assim, pretendeu-se investigar se, ao serem expostos a frases com os dois tipos de classes gramaticais e às duas variantes (presença/ausência do segmento), como os falantes iriam avaliar a ausência/realização do segmento.

5 RESULTADOS

Neste capítulo, serão apresentados os resultados obtidos a partir dos experimentos realizados com jovens universitários cariocas acerca da avaliação das variantes da coda (r) final em verbos e nomes - ausência ou realização. Os dados foram apresentados aos participantes por meio do programa *Psycopy* e analisados por meio da plataforma *Jamovi*. Recapitulando, o experimento foi feito a partir do método de *matched guise*. Assim, os participantes - jovens falantes cariocas - foram expostos a sentenças contendo duas variantes da coda (r) em posição final de palavra, tanto em verbos quanto em nomes: realização ou ausência. Após isso, os participantes deveriam relacionar a sentença que acabaram de ouvir a um possível perfil profissional: faxineira, inspetora ou diretora. Dessa forma, ao final, seria possível identificar como tais falantes avaliam as realizações do segmento, uma vez que a associação entre as sentenças e os perfis profissionais revelaria o valor associado às variantes: estigma, neutralidade ou prestígio.

Em relação à lista de verbos, a Tabela 01 apresenta a distribuição de respostas por perfil profissional:

Tabela 01: Resultados do experimento: coda (r) final em verbos.

coda (r) final	diretora	inspetora	faxineira
realização	131	134	80
ausência	117	121	106

A partir da leitura da Tabela 01, é possível observar que as respostas dos participantes se concentraram no perfil intermediário, isto é, os participantes associaram as sentenças mais ao perfil inspetora, quer seja quando a coda era realizada (134) ou quando a coda não era realizada (121). Esse resultado parece indicar que os falantes não atribuem uma avaliação negativa a nenhuma das variantes.

No que se refere à ausência da coda, apesar de haver mais associação ao perfil intermediário, não se observa uma diferença acentuada na distribuição das respostas entre os perfis. É possível observar, ainda, que há menor associação ao perfil de menor prestígio social (faxineira - 106) do que pode ser observado para os outros dois perfis: diretora (117) e inspetora (121). Esses resultados revelam que os participantes não atribuem um valor negativo à ausência da coda (r) final em verbos.

Provavelmente, isso se deve ao fato de, como apontam os inúmeros estudos de produção sobre essa variável no PB, a ausência da coda (r) final em verbos ser a



variante majoritariamente - e, em algumas variedades, quase categoricamente - observada no PB. Assim, em razão de os verbos no infinitivo serem produzidos majoritariamente sem a coda, parece não haver um valor negativo associado à ausência do segmento atribuído pelos participantes do experimento.

Em relação à realização da coda, também é possível observar uma concentração de respostas no perfil intermediário (134). Quanto à distribuição de respostas para os demais perfis, é possível notar que há uma menor associação ao perfil de menor prestígio social (80), bem como que, para o perfil de maior prestígio social, há praticamente o mesmo número de respostas do que aquele observado para o perfil intermediário (131). Apesar de não ser possível dizer que haja uma variante de prestígio, é possível afirmar que a realização da coda recebe avaliação ligeiramente mais positiva do que a ausência.

Tomados em conjunto, os resultados para as duas variantes da coda (r) final em verbos permitem dizer que, apesar de não haver uma variante estigmatizada e/ou prestigiada, é possível afirmar que a realização tende a ser ligeiramente mais bem avaliada do que a ausência. Isso se deve ao fato de a associação ao perfil de menor prestígio social ter sido mais relacionada à ausência da coda do que à realização da coda, muito embora, em nenhum dos casos, a associação a este perfil foi superior aos demais.

Em relação à lista de nomes, a Tabela 02 a seguir traz a distribuição de respostas por variante:

Tabela 02: Resultados do experimento: coda (r) final em nome.

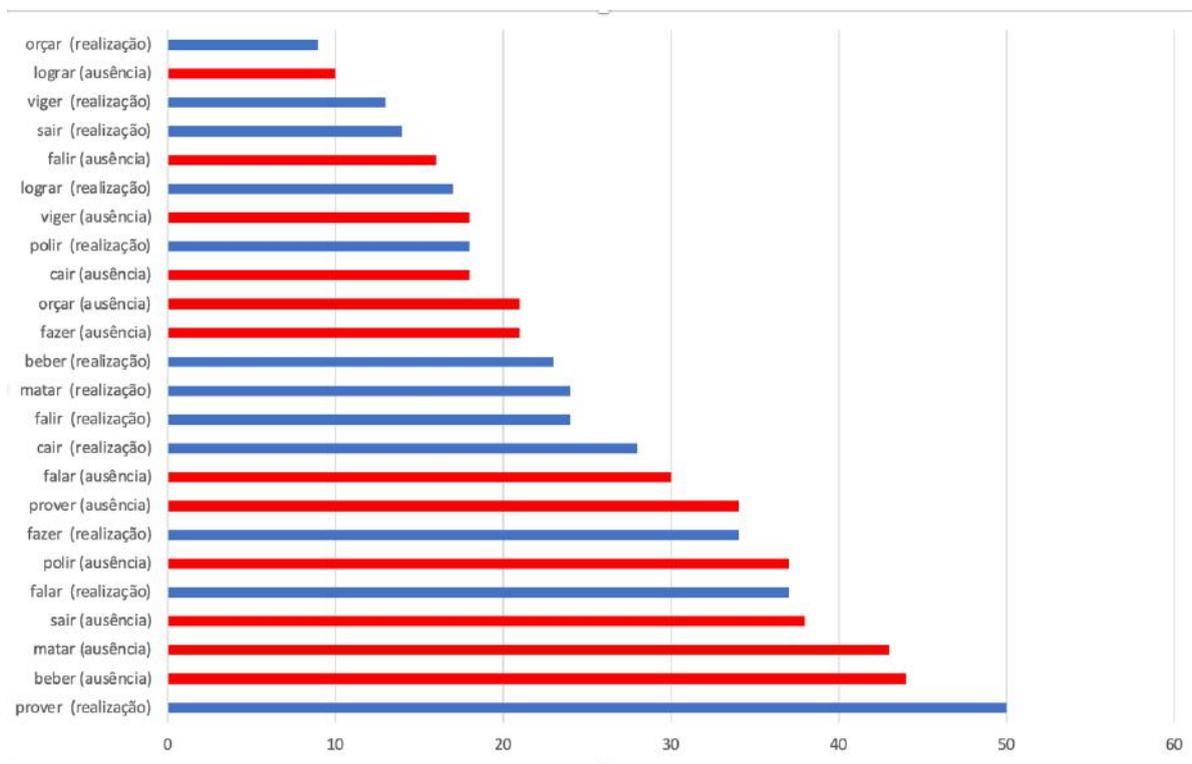
coda (r) final	diretora	inspetora	faxineira
realização	93	134	118
ausência	76	103	165

Diferentemente do que foi observado para a coda (r) final em verbos, em relação aos nomes, percebem-se valores diferentes associados às duas variantes. Em relação à ausência da coda, há uma concentração de resposta no perfil de menor prestígio social (165), o que aponta para o fato de os participantes terem atribuído um valor negativo (estigma) a essa variante. Ainda no tocante à ausência de coda, percebe-se que há uma associação entre essa variante e os demais perfis (76 e 103) bem inferior ao perfil faxineira, o que reforça a avaliação negativa relativa à ausência da coda em nomes.

Relativamente à realização da coda, observa-se uma outra distribuição de respostas por perfil: há uma concentração no perfil intermediário (134), o que indica que os participantes não atribuíram um valor positivo ou negativo a essa variante. No entanto, é interessante notar que há maior associação desta variante ao perfil de menor prestígio social (faxineira) do que ao perfil de maior prestígio social (diretora). Isso pode ter acontecido em razão de alguns estímulos e poderá ser mais bem controlado em estudos futuros.

Conforme explicitado no capítulo anterior, tentou-se observar se a frequência de uso dos verbos impactaria as avaliações dos participantes. Para tanto, para cada conjugação (-ar, -er-, ir), foram selecionados 02 verbos muito frequentes e 02 verbos menos frequentes na língua. Para ser possível observar que esse efeito fosse observado, cada perfil recebeu um valor (02 para faxineira, 01 para inspetora, 0 para diretora) e o somatório dos valores funcionou como um índice de valor atribuído a cada variante. Quanto maior a pontuação atribuída a determinado item realizado com uma das variantes, maior o grau de estigma. Os resultados podem ser encontrados no gráfico a seguir:

Gráfico 01: Resultados do experimento: frequência de coda (r) final em verbos



Conforme se observa, não foi possível capturar um padrão nas respostas dadas pelos participantes. Pelos resultados, parece que a avaliação dos participantes foi guiada pelo item e não pela variante com que o item se realizou, o que vai na direção dos resultados gerais: não há uma avaliação positiva ou negativa associada às variantes. De qualquer forma, a questão da frequência de ocorrência das variantes pode receber outro tratamento em experimentos futuros, a fim de que seja possível capturar os efeitos observados em Labov *et. al* (2011).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho observou como os falantes avaliam as variantes da coda (r) final na variedade carioca do PB, tanto em verbos quanto em nomes: a realização do segmento ou sua ausência. Assim, elaborou-se um experimento do qual participaram jovens falantes cariocas universitários. Por meio do método *matched guise*, os participantes foram expostos a sentenças que continham as variantes e deveriam relacionar cada uma das sentenças ouvidas a um perfil profissional: uma faxineira, inspetora ou diretora. Ao final, a relação entre a sentença e o perfil profissional revelaria a avaliação dos participantes.

A hipótese inicial seria a de que os indivíduos julgariam as variantes de acordo com o que os estudos anteriores sobre o tema já apontaram: nenhum estigma em relação à ausência do segmento em verbos, tampouco prestígio em sua realização nessa classe de palavras. Já para os nomes, a hipótese seria a de que ainda há um certo estigma envolvendo a ausência do segmento e um possível prestígio em sua realização, visto que o segmento (r) tende a ser mais preservado nesta classe de palavras.

Quanto aos verbos, os resultados parecem confirmar o que diferentes estudos de produção apontam sobre uma possível avaliação das variantes da coda (r) final: em razão de ausência da coda final em verbos ser observada em diferentes variedades do PB de maneira quase categórica (Callou, Serra, 2012), não há qualquer estigma quanto à ausência deste segmento para esse grupo de palavras, tampouco prestígio, visto que houve um maior número de resultados apontando para a *inspetora*, o perfil intermediário, tanto para a realização do segmento quanto a ausência.

Já para os nomes, apesar de a não realização da coda (r) estar bem disseminada no país, o nível de ausência nestes itens não é o mesmo daquele observado para a coda (r) final em verbos. Dessa forma, os resultados apontaram, indo de encontro à hipótese inicial, que ainda é possível detectar algum grau de estigma na ausência do segmento nesta classe de palavras, já que houve maior correlação do perfil social da *faxineira* com a não realização do segmento. Quanto à sua realização, indo em uma direção oposta à hipótese inicial, pode-se apontar que não configura um cenário de prestígio, mas sim do que se é esperado do ponto de vista dos falantes cariocas, visto que houve uma grande concentração de respostas dos participantes que relacionaram a realização do segmento nos nomes ao perfil intermediário, o da *inspetora*.

Para estudos futuros, pode-se expandir o experimento, incorporando mais participantes, sobretudo aqueles que pertencem a outras classes sociais e/ou com menor



grau de escolaridade, bem como ampliar os estímulos, de maneira a tentar capturar efeitos de frequência e de variação estilística. Os efeitos de frequência podem ser observados a partir da frequência dos itens na língua ou, como observou Labov *et. al* (2011), a frequência de variantes por estímulo.

A pesquisa foi feita no intuito de colaborar com os estudos que vêm sendo feitos acerca da avaliação que os falantes cariocas fazem das variáveis as quais são expostos, registrando, no momento presente, quais os julgamentos feitos por esses indivíduos em questão. É interessante que se documente como essa avaliação é feita, para que possamos observar como a experiência de falar e ouvir não só impacta o conhecimento linguístico dos falantes, mas também como a avaliação pode retardar ou acelerar processos de mudança na língua. Espera-se que esses resultados contribuam para a compreensão de um fenômeno variável do PB, amplamente observado sob o ponto de vista da produção.

7 REFERÊNCIAS

BENAYON, Aline Rodrigues; GOMES, Christina Abreu. Aquisição da fricativa em coda no português brasileiro: variação e propriedades distribucionais. *Textos Seleccionados. XXIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, p. 125-139, 2009.

BORTONI, S. M., GOMES, C. A., MALVAR, E. The principle of saliency revisited. In: Schlieben-Lange, Koch, I. V. e Jungbluth, K. (org) **Dialog zwischen den Schule: Soziolinguistische, konversationanalytische und generative Beiträge aus Brasilien**. Münster. Nodus Publikationen, p. 61-72, 2002.

BRANDÃO, S. F.; SILVA, C. B. Róticos em coda silábica na fala de Nova Iguaçu-RJ com base em diferentes tipos de corpus. **Revista do GELNE (UFC)**, v. 14, p. 21-40, 2012.

COELHO, Izete Lehmkuhl *et al.* **Para conhecer sociolinguística**. Editora Contexto, 2015.

COELHO, Izete Lehmkuhl *et al.* Sociolinguística. **Florianópolis: LLV/CCE/UFSC**, v. 172, 2010.

CALLOU, Dinah; MORAES, João; LEITE, Yonne. Apagamento do R final no dialeto carioca: um estudo em tempo aparente e em tempo real. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 14, p. 61-72, 1998.

CALLOU, Dinah; SERRA, Carolina. Variação do rótico e estrutura prosódica. **Revista do GELNE**, v. 14, n. 1/2, p. 41-57, 2012.

CALLOU, D. M. I; SERRA, Carolina (em avaliação). On R-backing processes in Brazilian Portuguese. *In*. Pustka, E., Remberger, E. M., & Sanchez-Miret, F.(Eds.). **R in Romance: System, Variation and Change**. Leiden: Brill

DRAGER, Katie, Experimental methods in sociolinguistics. *In*: Janet Holmes and Kirk Hazen (Eds.): **Research Methods in Sociolinguistics: A practical guide**, Wiley-Blackwell, p. 58-73, 2013.

International Phonetic Alphabet (IPA) Chart With Sounds. **IPA: International Phonetic Alphabet**, 2023. Disponível em: <<https://www.internationalphoneticalphabet.org/ipa->



[sounds/ipa-chart-with-sounds/](#)>. Acesso em: 10 dez 2023.

LABOV, W. **Principles of linguistic change: Internal Factors**. Philadelphia: John Benjamins, 1994.

LABOV, W. **Principles of linguistic change: Social Factors**. Philadelphia: John Benjamins, 2001.

LABOV, W. **The Social Stratification of English in New York City**. New York: Cambridge University Press, 2006.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso (tradução). São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LABOV, W. **Principles of linguistic change: Cognitive and Cultural Factors**. Philadelphia: John Benjamins, 2010.

LABOV *et al* . **Journal of Sociolinguistics**. Blackwell Publishing: p. 431–463, 2011.

LAMBERT, W. E et al. Evaluational reactions to spoken languages. **Journal of Abnormal and Social Psychology**, vol. 60(1), 44–51, 1960.

MELO, M. A. L. S. **Direcionalidade da mudança sonora: O papel do item lexical e da avaliação social**. 2017. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

MELO, M. A. S. L.; SILVA, I. G. B. [avali-ãdo] ou [avali-ãno]: o significado social da alternância [d] ~ [n] entre jovens universitários cariocas. **(Con)Textos Linguísticos**, v. 16, p. 185-204, 2022.

MELO, M. A. S. L. Padrões de avaliação de duas variáveis sonoras na comunidade de fala do rio de janeiro: uniformidade ou diferentes tendências?. **ORGANON**, v. 37, p. 102- 124, 2022.

MELO, M. A. L.; GOMES, C. A. . Sobre a variação, mudança e representação da coda (r) na comunidade de fala do Rio de Janeiro. **DIADORIM (RIO DE JANEIRO)**, v. 20, p. 169-190, 2018

MELO, M. A. L.; GOMES, C. A. . Percepção da variação da coda (s) na comunidade de fala do Rio de Janeiro: acessando o significado social da variante fricativa posterior. In:

MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos; WIEDEMER, Marcos Luiz. (Org.). **Dimensões e Experiências em Sociolinguística**. 1 ed. São Paulo: Blucher, 2019, v. , p. 129-148.

MELO, M. A. S. L; RODRIGUES, R. M. “**Carioca fala bi[s]coito?**”: um estudo de avaliação sobre as variantes alveolar e pós-alveolar na comunidade de fala do Rio de Janeiro, no prelo.

MENEZES, Vanessa CF. **Aquisição da variação da líquida não-lateral em coda no Português Brasileiro**. 2012. Tese de Doutorado. Doctoral dissertation, Federal University of Rio de Janeiro.

OUSHIRO, Livia. **Identidade na pluralidade**: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo. Tese (Doutorado em Letras) – USP, FFLCH, São Paulo, 2015.

PEIRCE, J. W., GRAY, J. R., SIMPSON, S., MACASKILL, M. R., HÖCHENBERGER, R., SOGO, H., KASTMAN, E., LINDELØV, J. PsychoPy2: experiments in behavior made easy. **Behavior Research Methods**. 2019.

SAHIN MD, AYBEK EC. **Jamovi: an easy to use statistical software for the social scientists**. Int J Assess Tools Educ;6:670–92, 2019.

SANTA ANA, O.; PARODI, C. 1998. Modelling the speech community: Configurations and variable types in the Mexican Spanish setting. In: **Language in Society** 27(1):23-51, 1998.

WEINREICH, LABOV & HERZOG. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**; tradução Marcos Bagno; revisão técnica Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola Editorial, 2006